

UMA ENCÍCLICA LUMINOSA:
DEUS CARITAS EST

*Maria Helena da Rocha Pereira**

Principio por declarar que não me proponho, nem de longe, fazer sobre a encíclica *Deus caritas est* quaisquer apreciações de ordem teológica. Aprendi, quando estudante da nossa Universidade, as três línguas sagradas. Tenho por hábito ler diariamente, não o Saltério inteiro, como fazia o nosso S. Teotónio, mas um salmo completo; e ainda um trecho do Novo Testamento, na vulgata de S. Jerónimo. Mas a minha formação teológica é elementar.

Por isso quase não excederei o nível da reflexão sobre as palavras que aqui estão em causa: ἔρως, φιλία, ἀγάπη. Em comum têm todas elas o facto de serem de etimologia desconhecida, quanto à origem; quanto ao significado, o de dizerem todas respeito aos nossos sentimentos por pessoas ou mesmo coisas. Por outro lado, os verbos correspondentes à área semântica em que se inscrevem estes e outros lexemas da mesma família são na generalidade muito mais antigos (já há quem tenha proposto a origem micénica do radical φιλ-).

Principiemos pelo caso específico de ἔρως, que em Homero pode aplicar-se no sentido de “desejo” – que pode até ser de comida ou bebida. Por outro lado, já ele figura, não como um apetite ou sentimento, mas como uma divindade primordial, entre aquelas que explicam o surgir do universo, na cosmogonia delineada por Hesíodo:¹

Primeiro que tudo houve o Caos, e depois
a terra de peito ingente, suporte inabalável de tudo quanto existe,
e Eros, o mais belo entre os deuses imortais,
que amolece os membros e, no peito de todos os homens e deuses,
domina o espírito e a vontade esclarecida.

* Professora Catedrática Jubilada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

¹ Hesíodo, *Teogonia* 116-122. Omitimos, como os passos de Platão ou de Aristóteles que citam esta abertura, a referência ao Tártaro, que consta, nas edições habituais, nos versos 118-119.

Note-se desde já, como a noções vagas, como Caos (que parece equivaler a “abismo hiante”, mais do que ao seu sentido actual de “confusão desordenada”) e Terra, se contrapõe uma autêntica personificação, daquelas que a religião grega, ao longo dos tempos, acolherá sempre com extrema facilidade. A surpresa é maior ainda se pensarmos que teremos de esperar até ao séc. VI-V a.C. para avistarmos de novo o deus das “asas douradas” que atormenta os homens, tal como o imagina Anacreonte,² e que há-de inspirar os poetas hele-nísticos mais ou menos amaneirados que compuseram carmes anacreônticos.

Neste contexto, vale a pena comparar o exemplo referido com o que escreveu, não muito depois do lírico de Teos, um dos mais famosos pré-socráticos, Empédocles de Agrigento:³

..... uma vez, um só cresceu para ser único,
vindo de muitos, outra dividiu-se, de um que era, para dar muitos:
o fogo, a água, a terra, e a altura imensa do ar,
e a funesta Discórdia, separada deles, do mesmo peso por todo,
e o Amor no meio deles, igual em comprimento e largura.

Não vamos entrar na teoria dos quatro elementos, que durou, como todos sabem, até Lavoisier. Ficamo-nos apenas nos dois princípios, Amor e Discórdia. Mas reparando neste ponto essencial para a nossa reflexão: é que no original grego não se lê Ἔρως, mas sim Φιλότης.

Estamos, portanto, perante uma palavra que tem o mesmo étimo que Φιλία, embora com outro sufixo, e que Φίλος, que se aplicava a todos os que viviam sob o mesmo tecto, bem como aos que eram recebidos como hóspedes, criando assim laços de recíproca amizade que se estendiam pelas sucessivas gerações, e que está como que nos alicerces da vida moral e social grega.

Pelo contrário, se o verbo ἀγαπάω já aparece em Homero (embora só na *Odisseia*, no sentido de “estimar muito”), e se o adjetivo ἀγαπητός é aplicado no mesmo poema a entes muito queridos, dilectos (nos exemplos que se podem apresentar, a filhos únicos, como Telémaco), o abstracto ἀγάπη é muito mais tardio, visto que aparece só na versão dos Setenta.

O seu equivalente *caritas* figura, por exemplo, em *Jeremias* 31 e nos *Provérbios* 10. 12. Mas a sua grande, diríamos, continuada presença é nas Epístolas de S. João, de onde, aliás, são tiradas as primeiras palavras da Encíclica que nos ocupa. Pode dizer-se que a Epístola Primeira é toda ela um hino à ἀγάπη, quer para exprimir a natureza de Deus, quer a relação entre este e a criatura. Naturalmente que sem esquecer o não menos sublime hino da Primeira Epístola de S. Paulo aos Coríntios.

² Frg. 34 Page. Vide etiam frg. 68 Page.

³ A natureza, frg. 17, vv. 15-21 Diels-Kranz.

E aqui nos encontramos novamente com as reflexões filosóficas e teológicas da Encíclica, na qual se rejeitam duas concepções muito frequentes, que apenas entendem distinguir entre amor “ascendente” e amor “descendente”, sendo o primeiro o de origem grega e o segundo uma característica cristã, quando a verdade é que *eros* e *agape* nunca se deixam separar um do outro” e “quanto mais os dois encontrarem a justa medida, embora em distintas dimensões, na única realidade do amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral.”

Estas afirmações vêm na sequência da doutrina enunciada por Nietzsche, de que “o Cristianismo teria dado veneno a beber ao *eros*, que embora não tivesse morrido, daí teria recebido o impulso para degenerar em vício.” A esse propósito a encíclica refere em mais pormenor a tradição grega, que via no *eros* “a subjugação da razão por parte de uma loucura divina”. Como exemplos aponta o famoso verso da *X Bucólica* de Virgílio, *Omnia vincit amor*, bem como as práticas dos cultos de fertilidade como a prostituição sagrada. Este último exemplo, porém, não o esqueçamos, excede o âmbito grego. Lembremos o caso das celebrações das Antestérias, que compreendiam, é certo, um casamento sagrado da basílinna, mulher do arconte-rei, com Diónisos, cerimónia que era evidentemente simbólica de uma união do deus da fertilidade com a comunidade, representada pela esposa do seu chefe religioso. E ainda dentro do mesmo âmbito do culto dionisíaco, de tão estranhas características, aliás, não esqueçamos que o melhor documento que sobre ele temos, *As Bacantes* de Eurípides, contrapõem repetidamente, às suspeitas do rei de Tebas, a exaltação do comportamento honrado das mulheres que compunham o *thíasos*.

Mas temos de reconhecer que não são estes os textos que fazem doutrina, entre os gregos, da teoria do amor. Esses são, como todos sabem, os diálogos platónicos *Lísis* – espécie de ponto de partida –, *Banquete* e *Fedro*. Aí podemos ver, através da cerrada discussão que desde a Antiguidade tem acompanhado esses diálogos, que era realmente do “amor ascendente” que se tratava. Especialmente no *Banquete*, essa ascensão é simbolizada pela escala do amor, que, partindo da beleza física, conduz sucessivamente ao amor pela alma, pelas coisas belas que esta é capaz de realizar, até ao amor pela verdade e à visão da beleza. É precisamente para esta visão da beleza, a contemplação das ideias puras, que tende o grande mito escatológico do *Fedro*, passando do mundo sensível ao mundo inteligível.

Chegados aqui, apenas divagámos um pouco pelo grande tema da encíclica, que na sua segunda parte trata da prática desta doutrina, a realizar pela Igreja. Simples palavras de comentário são as que proferimos, pedra minúscula ao lado de um grande edifício.

